

COLÓQUIO INTERNACIONAL

ARQUITECTURA OU REVOLUÇÃO

No âmbito do Programa de Doutoramento Arquitectura
dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos

15 Maio 2014

09H00 - 18H00

**Grande Auditório, Edifício II
ISCTE-IUL**

A propósito da comemoração dos 40 anos do 25 de Abril de 1974, retoma-se a frase panfletária "Architecture ou Révolution", proferida por Le Corbusier em Vers une Architecture (1923). Será este o suporte do Colóquio Internacional, que tem como objectivo estimular uma reflexão capaz de confrontar a dimensão ética do trabalho do arquitecto, com os desafios disciplinares da própria arquitectura.

ORADORES

Carlos Sambricio (ETSAM)

João Rodeia (UEv)

Margarida Acciaioli (UNL)

Paulo Moreira (Chicala)

Pedro Gadanho (MoMa)

Santiago Cirujeda (Recetas Urbanas)

Exibição do Filme **ARENA**

com a presença e comentários de **João Salaviza**

Entrada Livre

com inscrição para:

arquitecturaourevolucao@gmail.com

ORGANIZAÇÃO

Paula André (DINÂMIA'CET-IUL | ISCTE-IUL)

Paulo Tormenta Pinto (DINÂMIA'CET-IUL | ISCTE-IUL)



DINÂMIA'CET

CENTRO DE ESTUDOS SOBRE A MUDANÇA
SOCIOECONÓMICA E O TERRITÓRIO
ISCTE-IUL

ISCTE IUL
Instituto Universitário de Lisboa

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

ARQUITECTURA OU REVOLUÇÃO

Learning from the Satellite

Os anos que se seguiram à Revolução dos Cravos (1974), em Portugal, permitiram clarificar alguns princípios urbanísticos que vinham já sendo aplicados por necessidade de resolver o problema da carência de habitação nas cidades. Em alinhamento com o debate internacional, uma consciência sobre a importância de um planeamento regional esteve na origem, por exemplo, do Plano Director da Região de Lisboa, iniciado em 1961, justamente com o objectivo de disciplinar e corrigir equilibradamente os “efeitos urbanísticos da expansão desordenada dos subúrbios da Capital”¹. Uma visão macro permitiu trazer para o planeamento urbano a importância das infra-estruturas, dos impactos ambientais e dos zonamentos de maior, ou menor, aptidão construtiva.

As novas bolsas de construção possibilitaram o desencadear de urbanizações de grande dimensão, assentando em novas lógicas comunitárias que se experimentavam também à época. O pensamento comunitário emerge como tema central no debate arquitectónico, designadamente, desde o manifesto de Doorn, em 1954. A oportunidade de pensar novas formas urbanas de organização social, pressupunha uma ligação daquele momento com a ancestralidade dos assentamentos humanos. Aldo Van Eyck sugeria justamente este princípio genealógico, ao sustentar no seu discurso de 1959, em Otterlo, que “o tempo transporta o antigo para o novo, não através da linha historicista, mas apelando à redescoberta dos princípios mais arcaicos da natureza humana”. Estas formulações sedimentadas no seio do Team 10, surgem em linha com um debate, mais amplo, que envolveu vários sectores da sociedade e que assentavam na convicção de que um novo tempo abriria oportunidades para novos modos de organizar as comunidades humanas. Neste processo ressaltam os estudos sobre o comportamento humano, os quais vieram a orientar novas possibilidades de organização do espaço, nomeadamente os de B. F. Skinner plasmados, por exemplo, em *Science and Human Behaviour*² (de 1965), ou *Walden II* (1948), este último recuperado por Ricardo Bofill (n.1939) no conjunto de San Justo Desvern (1970).

Para o novo homem que emergia dos escombros da destruição da Guerra reclamava-se um território igualmente novo que pudesse funcionar em rede, como uma espécie de satélite de um sistema planetário complexo e poli-nuclear. De certa forma, este pensamento recupera as experiências soviéticas descritas por Manfredo Tafuri (1935-1994) para a “Nova Mocovo” em *La Sfera e il Labirinto*³, onde relata o protagonismo da disciplina de planeamento urbano como a outra face do processo vanguardista que se seguiu, na sequência da Revolução Bolchevique, à Guerra Civil Russa (1918-1921). O objectivo dos urbanistas soviéticos como Sakulin, Shestakov, ou Shchusev, passava por uma aplicação dos ideais defendidos pelos urbanistas do século XIX como Charles Fourier (1772-1837), Pierre-Joseph Proudhon (1809-1863), Camillo Sitte (1843-1903), Ebenezer Howard (1850-1928), ou Patrick Gueddes (1854-1932). São estes mesmos personagens que vêm igualmente orientar os pressupostos de Le Corbusier, quando em 1923 incorpora em *Vers une Architecture*⁴ (1923), o desafio: “Arquitectura ou Revolução”, expressão que serve ao arquitecto suíço para colocar a tónica na necessidade de recuperação do “equilíbrio rompido” entre as condições de vida das classes activas e as próprias cidades - Só uma nova estrutura urbana podia corresponder às exigências de salubridade e inovação que o acelerado processo moderno trazia associado. Os novos territórios periféricos representavam oportunidades de implantar novas tipologias urbanas e arquitectónicas que, contrastando com os densificados e insalubres núcleos urbanos tradicionais, correspondiam aos anseios de todos aqueles que depositavam na “casa” o alicerce primeiro da sua cidadania.

As urbanizações construídas no contexto das cidades satélite acabaram por funcionar como laboratórios de experimentação quer de novas tecnologias, quer de especulações sobre as relações entre as comunidades e o próprio espaço. O factor programático pôde também aproximar os arquitectos dos próprios promotores, tanto em investimentos oriundos do sector público como aqueles que resultaram

¹ AZEVEDO, Mário “O Plano Director da Região de Lisboa”, in AA.VV. *Binário- revista mensal de arquitectura, construção e equipamento*, 108, Lisboa, Setembro de 1967 (pag. 117);

² SKINNER, B. F. *Science and Human Behavior*, The Free Press, Nova Iorque, 1965;

³ TAFURI, Manfredo - *The Sphere and the Labyrinth: Avant-Gardes and Architecture from Piranesi to the 70s*, MIT Press paperback edition, 1990, tradução do original *La Sfera e il Labirinto: Avanguardia e architettura da Piranesi agli anni 70*, de 1980;

⁴ LE CORBUSIER Por Uma Arquitectura, editora Perspectiva, São Paulo, 1998 tradução do *Vers un Architecture*, Collection L’Esprit Nouveau, 1923;

do optimismo do sector privado. A revolução que Le Corbusier pretendia conter acabou por acontecer, não na expressão de uma revolta mas, na alteração dos modos de vida da maior parte dos agregados familiares, com a passagem da origem rural, para um universo urbano.

Actualmente no contexto português, aparentemente estão superadas as carências de habitação que se colocavam no limiar da década de 70, verificando-se uma homogeneização do território urbano que acabou por envolver as acções urbanas que no passado se encontravam isoladas, alterando as lógicas de relação entre centro e periferia pela absorção dos núcleos urbanos satélites num extenso manto urbano. Neste processo pragmático foi ficando menos intenso, no campo do urbanismo e da arquitectura, um discurso prospectivo sobre o futuro. O campo de acção e de debate passou a estabelecer-se mais num pressuposto regenerador, que num desígnio expansionista.

Le Corbusier terminou *Vers un Architecture* expressando que “podemos evitar a revolução”, no contexto actual fica no ar a pergunta se neste processo de continuidade valerá a pena conter o ímpeto revolucionário.



Fig. 1 Hans Hollein, Aircraft Carrier City in Landscape, 1964.

Lisboa, Julho de 2013

Paulo Tormenta Pinto

Programa

MANHÃ

09:00

Recepção dos participantes

09:30

Abertura

Paulo Tormenta Pinto; Paula André;
Maria Eduarda Gonçalves

10:00

Margarida Acciaiuoli

“Traçar, construir e apropriar”

10:40

Intervalo

11:00

Carlos Sambricio

“Arquitectura de la Revolución durante
la Guerra Civil”

11:40

João Rodeia

“Architecture ou révolution. On peut
éviter la revolution”

12:20

Debate – moderação Paula André

12:45

Pausa – Almoço

TARDE

14:00

Abertura do Painei da Tarde

Lançamento da Fanzine “Mundo Novo” com
 a presença do colectivo Friendly Fire

14:30

Paulo Moreira

“História Pós-Colonial de Luanda: o caso da
Chicala”

15:10

Santiago Cirugeda

"Situaciones Urbanas. Unidades de Ejecución"

15:50

Intervalo

16:10

Pedro Gadanho

“Modos de Ser Político: Arquitectura como
Crítica e Cultura”

16:50

João Salaviza

“Introdução e visionamento do filme ARENA”

17:20

Debate – moderação Paulo Tormenta Pinto

17:55

Encerramento

CONFERENCISTAS

RESUMOS

Margarida Acciaiuoli, Prof^a Catedrática, FCSH-UNL – Lisboa

“Traçar, construir e apropriar”.

Traçar, construir e apropriar, são os três grandes momentos sobre os quais importa reflectir, quando falamos de arquitectura. A questão que queremos colocar é a de saber até que ponto um traçado urbano revolucionário é suficiente para fazer uma revolução nos costumes.

Margarida Acciaiuoli, Professora Catedrática da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Doutorada em História da Arte Contemporânea em 1991, com uma dissertação sobre *Os Anos 40 em Portugal*, tem prosseguido a sua investigação alargando a base cronológica desse seu estudo e preparando cursos que anualmente renova e actualiza. Responsável pela orientação de teses de Mestrado e de Doutoramento na área em que se especializou, dirige um projecto sobre *As revistas de Arquitectura no século XX*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Autora de diversificada bibliografia, publicou estudos sobre as *Exposições do Estado Novo* (Livros Horizonte, 1998) e sobre os pintores *Almada Negreiros* (Fundação Juan March, Madrid, 1983 e Fundação Calouste Gulbenkian, 1984 e 1985), *Alvarez* (Prelo, revista da Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985), *Vieira da Silva* (Colóquio / Artes, Junho, 1988), *Amadeo de Souza-Cardoso* (Europália, 1991), *Fernando Lemos* (Caminho, 2005), sobre o *Grupo KWY* (CCB, 2001). Mais recentemente publicou um estudo sobre *Os Cinemas de Lisboa* (Bizâncio, 2012) e outro sobre *António Ferro* (Bizâncio, 2013). Tem artigos publicados em jornais, catálogos de exposições e revistas da especialidade. Colaborou na organização das exposições *Os anos Quarenta na Arte Portuguesa* (FCG, 1982), *Cinquentenário da Morte de Malhoa* (SNBA, 1983), *Retrospectiva da Almada Negreiros* (FCG, 1984), *Grafismo e Ilustração nos Anos 20* (FCG, 1986) e *De Amadeo a nuestros días* (Museo Espanhol de Arte Contemporâneo, Madrid, 1987). Foi comissária das exposições *Amadeo de Souza-Cardoso* (Europália, Museu de Arte Moderna de Bruxelas, 1991) e *KWY, Paris, 1958-1968* (Centro Cultural de Belém, 2001), escrevendo artigos e coordenando os respectivos catálogos.

Carlos Sambricio, Prof. Catedrático ESTAM-UPM – Madrid

“Arquitectura de la Revolución durante la Guerra Civil”.

Si para ciertas zonas de España la Guerra Civil terminó, por la ocupación franquista de aquellos espacios en 1936, Barcelona (febrero de 1939) y Madrid (últimos días de marzo del mismo año) no solo fueron los últimos baluartes republicanos sino también las dos ciudades donde durante los años de Guerra se plantearon propuestas revolucionarias tanto desde el recién constituido *Sindicat d'Arquitectes de Catalunya* como por el madrileño *Comité de Reforma, Reconstrucción y Saneamiento* el cual no solo afrontó labores de descombro en edificios destruidos por los bombardeos franquistas sino que también llevó a termino la elaboración del "Plan Regional para Madrid", publicado en los primeros días de 1939. Además, si en Madrid y Barcelona se propuso una política de municipalización del suelo, no olvidemos que los partidos de izquierda (fuera CNT, comunistas, troskistas o socialistas) formularon igualmente propuestas sobre cual deba de ser nueva imagen de ciudad, en la convicción que la República iba a ganar la Guerra.

Carlos Sambricio, Catedrático de Historia de la Arquitectura y del Urbanismo en la ETS Arquitectura de Madrid. Doctor por la Universidad Complutense (*El Pensamiento Arquitectónico en la España de la Segunda Mitad del Siglo XVIII*) y por l'Ecole de Hautes Etudes de Sciences Sociales de Paris (*Madrid, Architecture et Urbanisme, 1925-1945*). Autor de *Madrid, vivienda y urbanismo. 1900-1960*. Madrid, (2004); *De la Ciudad Ilustrada a la primera mitad del siglo XX* (Madrid. 1999); *Territorio y ciudad en la España Ilustrada*, (Madrid, 1991); *La arquitectura española de la Ilustración*, (Madrid 1986); *Cuando se quiso resucitar la arquitectura*, (Madrid, 1984). Coordinador y editor de *Un siglo de vivienda social; 1903-2003*, (Madrid 2003); *La vivienda experimental: Concurso de viviendas experimentales de 1956*. (Madrid, 1998); *L'Habitation Minimun. Actas del II Congreso del CIAM*. (Zaragoza, 1997); *La construcción de la ciudad liberal* (Madrid, 2009), *Ciudad y vivienda en America Latina, 1930-1960* (Madrid, 2012) *La arquitectura española en el exilio* (Madrid, 2014). Ha sido becario de la EHESS de Paris; de la DAAD alemana y Visiting Scholars del Getty Center of Humanities (Los Angeles), en la Universidad de Harvard así en el Centre Canadien d'Architecture (CCA) de Montreal. Asi como *Gast Profesor* en Bau-und Stadtbaugeschichte (Fachbereich Architektur) en la Hochschule für Bildende Künste de Hamburgo y *Profesore a contrato* en la Facultad de Architettura del Politecnico di Milano. *Alisa Mellon Bruce Senior Fellow* in the National Gallery of Art (Washington DC)

João Rodeia, Arquitecto – Universidade de Évora

“Architecture ou révolution. On peut éviter la revolution”

Com esta afirmação, Le Corbusier conclui o seu livro *Vers une Architecture* (1923). Procurar-se-á sumariar o respectivo contexto e as suas manifestações na obra do mestre franco-suíço, equacionando igualmente as controversas relações com o poder político, em particular entre 1925 e 1945.

João Belo Rodeia é arquitecto, licenciado pela FAUTL (1984) e diplomado em estudos avançados de projecto pela Universitat Politècnica de Catalunya (2001). É professor na Universidade de Évora e na Universidade Autónoma de Lisboa. Mantém actividade crítica e curatorial, designadamente no âmbito da contemporaneidade arquitectónica portuguesa, assim como de investigação, com particular incidência no Movimento Moderno e na obra de Le Corbusier, sendo membro dos Conselhos Consultivos do DOCOMOMO Internacional e da Trienal de Arquitectura de Lisboa. É Presidente do Conselho Internacional dos Arquitectos de Língua Portuguesa e foi Presidente da Ordem dos Arquitectos, da Fundação DOCOMOMO Ibérico e do Instituto Português do Património Arquitectónico. Integra, em 2014, o Comité Científico do Congresso da União Internacional dos Arquitectos, a realizar em Durban (África do Sul).

Paulo Moreira, Arquitecto, “Exploratório Urbano da Chicala: Um percurso alternativo pela topografia pós-colonial de Luanda, Angola” - Porto

“História Pós-Colonial de Luanda: o caso da Chicala”.

Após a independência de Angola, teve início uma longa guerra civil (1975-2002). A cidade de Luanda, resistindo ao conflito armado, serviu de porto de abrigo a milhares de pessoas oriundas de todas as províncias do país. Neste período, os bairros informais desenvolveram-se à margem do planeamento territorial oficial, seguindo uma lógica cultural, social e espacial que tem merecido pouca atenção nos estudos sobre a história da cidade. Esta comunicação aborda as transformações urbanas no período pós-colonial em Luanda. Em particular, será analisado o caso do bairro da Chicala, um dos mais centrais da cidade. Dado o inevitável desaparecimento deste lugar, devido ao processo de regeneração em curso desde o final da guerra civil, apresenta-se um trabalho de investigação que pretende contribuir para o reconhecimento da Chicala na ordem urbana de Luanda.

Paulo Moreira, licenciou-se pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto em 2005. Desde 2010, é Doutorando na The Cass School of Architecture, London Metropolitan University, onde concluiu Mestrado em 2009. A sua investigação foca-se na transformação pós-colonial da cidade de Luanda, através do estudo de caso do bairro da Chicala. Moreira é co-coordenador do projecto de investigação Observatório da Chicala, sediado no Departamento de Arquitectura da Universidade Agostinho Neto (Angola). O seu trabalho tem sido exibido internacionalmente e galardoado com diversos prémios, entre eles o Prémio Távora em 2012 (Ordem dos Arquitectos – Secção Regional do Norte), o Prize for Social Entrepreneurship (The Cass – UK) e o Noel Hill Travel Award (American Institute of Architects – UK Chapter), ambos em 2009.

www.paulomoreira.net

www.chicala.org

Santiago Cirugeda, Arquitecto do Estúdio Recetas Urbanas – Sevilha

"Situaciones Urbanas. Unidades de Ejecución".

Estrategias de ocupación o intervención urbanas (desde la legalidad hasta el vacío legal). Prótesis a edificios. Ampliación de las capacidades de lo construido. Ocupación de estructuras construidas. Arquitectura invisible. Sobre el reciclaje. Reservas urbanas de espacio público. Ampliación de las capacidades del ciudadano. Construir desde la institución (malversación de situaciones institucionales). Replanteo de normativa, estudio sistemático de los códigos civiles y urbanísticos. Actuaciones camufladas (sistema de protección de testigos). Arquitecturas Colectivas. Acercamientos a los sistemas comerciales, políticos y publicitarios.

Santiago Cirugeda y cía

Estudié arquitectura en la ETSA de Sevilla, donde lo pasé muy bien, formando parte durante algunos años del Colectivo La Casita. Tras años de trabajo en solitario monto el estudio Recetas Urbanas, que continuó desarrollado proyectos de subversión en distintos ámbitos de la realidad urbana que ayuden a sobrellevar esta complicada vida social. Desde ocupaciones sistemáticas de espacios públicos con contenedores, hasta la construcción de prótesis en fachadas, patios, cubiertas e incluso en solares. Todo ello negociando entre la legalidad e ilegalidad, para recordar el enorme control al que estamos sometidos. Se realizan proyectos de arquitectura, se escriben artículos y se participa en diferentes medios docentes y culturales (masters, seminarios, conferencias, exposiciones, etc..). En 2007 presentamos el libro: "Situaciones Urbanas", que muestra estrategias legales y demandas sociales, a través de proyectos arquitectónicos. En 2008 se presenta el documental Spanish Dream, junto con Guillermo Cruz que desvela las causas y efectos de la burbuja inmobiliaria. En 2011 se presenta el documental "En la RED", y el libro "Arquitecturas Colectivas" de edit, ViboK, que muestra el trabajo en red entre colectivos de la península. Actualmente se sigue alternando negociaciones políticas con ejercicios de alegaldad urbana, y construyendo la red: "arquitecturas colectivas", que ofrece información, protocolos y cervecita a los colectivos que quieran colaborar.

www.recetasurbanas.net

www.arquitecturascolectivas.net

Pedro Gadanho, Curador para a área de Arquitectura do MoMA - *Museum of Modern Art of New York* – Nova Iorque

"Modos de Ser Político: Arquitectura como Crítica e Cultura".

Em Outubro de 2012, uma exposição panorâmica dos últimos 50 anos da coleção do Museu de Arte Moderna, de Nova Iorque, permitiu uma perspectiva inesperada sobre a emergência de posicionamentos políticos na produção arquitectónica contemporânea. Directamente inspirada pelo movimento *Occupy Wall Street*, '9+1 Ways of Being Political' propôs-se responder a uma pergunta que ficara no ar depois dos acontecimentos de Nova Iorque: como podiam os arquitectos contribuir para os movimentos políticos que emergiam espontaneamente um pouco por todo o globo? A resposta surgiu por via da génese da palavra "política" e a sua origem na palavra grega "polis." A intervenção na "cidade," concluiu-se, contém a chave para uma atitude política. Enquanto esta perspectiva nos permitia ler obras reconhecidas de um novo ponto de vista, ela dava-nos a perceber como a arquitectura é quase sempre política, principalmente quando, mais que uma representação de poder, ela se assume como uma produção cultural crítica.

Pedro Gadanho, é Curador de Arquitectura Contemporânea no Departamento de Arquitectura e Design de Arte Moderna, em Nova Iorque. Desde que se juntou ao MoMA em 2012, organizou as exposições *9+1 Ways of Being Political* e *Cut'n'Paste*, e coordena o *Young Architects Program*. Previamente, dividiu a sua actividade entre arquitectura, curadoria, crítica e docência universitária. Mestre em arte e arquitectura e doutorado em arquitectura e *mass-media*, é o autor de *Interiores 01-010* e de *Arquitectura em Público*, Prémio FAD de Pensamento e Crítica em 2012. Foi o editor do bookazine *Beyond, Short-Stories on the Post-Contemporary*, mantendo o blog *Shrapnel Contemporary* e contribuições para publicações a nível internacional. Foi co-director da *ExperimentaDesign* entre 2001 e 2003, comissário de *Metaflux*, representação portuguesa na Bienal de Veneza de Arquitectura de 2004, e de mostras como *Space Invaders*, *Post.Rotterdam*, e *Pancho Guedes, Um Modernista Alternativo*. Os seus projectos de arquitectura incluem a *Casa Laranja*, em Carreço, o *Art Center da Fundação Ellipse*, a *Casa Baltasar*, no Porto, e a *Casa GMG*, em Torres Vedras.

João Salaviza, Cineasta - Lisboa

Filme ARENA

Mauro vive em prisão domiciliária. As tatuagens ajudam-no a queimar o tempo. Três putos do bairro aproximam-se da sua janela. Lá fora, o sol bate com a força do meio-dia.

João Salaviza nasce em Lisboa, 1984. Estuda Cinema na Escola Superior de Teatro e Cinema e na Universidad del Cine em Buenos Aires. A sua primeira longa-metragem encontra-se neste momento em pós-produção, com estreia prevista para 2014. Entre 2009 e 2012 realiza uma trilogia de curtas-metragens premiadas internacionalmente incluindo *Arena* (Palma de Ouro em Cannes 2009), *Cerro Negro* (Roterdão 2012), e *Rafa* (Urso de Ouro na Berlinale 2012). Os seus filmes foram seleccionados por mais de uma centena de festivais, incluindo Tribeca, Londres, Pusan, São Paulo, Sarajevo, Tampere, entre outros, tendo recebido cerca de quinze prémios incluído o Award in Memory of Ingmar Bergman no Uppsala Film Festival, na Suécia. Em 2012, o Centre Pompidou em Paris apresentou quatro dos seus filmes numa retrospectiva individual. João Salaviza realizou também outros filmes que dialogam com as outras artes, como a música, a arquitectura e o cinema nos filmes *Strokkur* (filmado na Islândia com o guitarrista Norberto Lobo); *Casa na Comporta*, sobre o trabalho de Manuel e Francisco Aires Mateus para a representação portuguesa da Bienal de Veneza em 2010; e *Hotel Müller* a partir da obra da coreógrafa Pina Bausch.



ORGANIZAÇÃO

Paula André

(DINÂMIA'CET-IUL | ISCTE-IUL)

Paulo Tormenta Pinto

(DINÂMIA'CET-IUL | ISCTE-IUL)

No âmbito do Programa de Doutoramento
Arquitectura dos Territórios Metropolitanos
Contemporâneos